

***Oderint, dum metuant*¹: Suetónio e a prepotência de Calígula**

MAFALDA FRADE

Universidade de Aveiro

A obra que Suetónio dedica aos governantes que inauguraram o Império é prolífica em detalhes sobre crimes e castigos. Nas biografias abundam roubos, falsificações, violações, conspirações, homicídios que são perpetrados por indivíduos de todos os estratos sociais. Entre eles figuram os Césares, cujo poder, assente na imunidade que protegia o cargo político mais elevado de Roma, redundava bastas vezes em prepotência e despiidade. Sabemos, assim, e para citar apenas alguns exemplos, que Júlio César mandou envenenar um delator que se tornara incómodo²; Augusto mandou imolar trezentos prisioneiros no aniversário da morte de César³; Tibério fez morrer à fome dois netos⁴; Cláudio condenou à morte levemente trinta e cinco senadores e mais de trezentos cavaleiros⁵; Nero violou uma vestal⁶; Galba mandou dizimar legionários⁷; Otão envolveu-se em operações militares, a despeito de interdições religiosas⁸; Vitélio provocou a morte de sua mãe, ao proibir a sua alimentação durante uma enfermidade⁹; Vespasiano deixou-se subornar¹⁰; Tito mandou matar um cônsul, sem julgamento, por suspeitar da sua conduta¹¹; Domiciano

¹ *Cal.* 30.1.

² *Iul.* 20.5.

³ *Aug.* 15.

⁴ *Tib.* 54.2.

⁵ *Cl.* 29.2.

⁶ *Nero* 28.1.

⁷ *Gal.* 12.2.

⁸ *Otho* 8.3.

⁹ *Vit.* 14.5.

¹⁰ *Vesp.* 16.2.

¹¹ *Tito* 6.2.

torturou inimigos, queimando-lhes os órgãos sexuais e amputando-lhes as mãos¹². Tudo isto sem qualquer medo das consequências.

Calígula também não foge à regra e algumas das páginas mais negras escritas por Suetónio surgem na biografia deste imperador, cuja fereza e desatino são manifestamente evidenciados sobretudo a três níveis: na vida familiar e amorosa, na relação com o mundo divino e ainda na conduta perante a sociedade. De notar que estes três níveis de relacionamento estavam intimamente associados à *pietas*, virtude que podemos definir como “um sentimento de obrigação para com aqueles a quem o homem está ligado por natureza (pais, filhos, parentes)”, que implicava “um vínculo afectivo entre os membros de uma família, (...) alargava-se à divindade, e acaba por compreender também as suas relações com o Estado”¹³. Esta virtude exigia, assim, uma conduta respeitosa para com os deuses, o Estado e a família, pelo que, ao caracterizar negativamente o imperador nestes campos, Suetónio induz o leitor a concluir que Calígula demonstrava uma conduta contrária àquela que devia ser observada pelos verdadeiros *uires* romanos.

Contudo, e face à catadupa de informações desfavoráveis, o retrato suetoniano pode parecer inverosímil, levando o leitor a duvidar da veracidade das biografias.

Para evitar tal situação, Suetónio recorre a uma técnica específica que o ajuda a introduzir verosimilhança no relato. Falamos da introdução, no texto, de enunciados cuja autoria é directamente atribuída ao imperador, que assim substitui a voz do biógrafo.

Dizem-nos os estudos literários que a inclusão da voz de uma personagem no texto produz efeitos no leitor. De facto, “o discurso directo comporta muitas vezes traços idiolectais, sociolectais e dialectais que contribuem para a caracterização das próprias personagens que o sustentam.”¹⁴. Para além disso, faz “emergir da situação o personagem, tornando-o vivo para o ouvinte,

¹² Dom. 10.5.

¹³ Pereira, M. H. R., *Estudos de História da Cultura Clássica 2* (Lisboa 1990) 328-330. Vide também Hellegouarc’h, J., *Le vocabulaire latin des relations et des partis politiques sous la République* (Paris 1972) 276-279; Saller, R., “Corporal punishment, authority, and obedience in the Roman household”: Rawson, B. (ed.), *Marriage, divorce and Children in Ancient Rome* (Oxford 1996) 146-147.

¹⁴ Reis, Carlos, *Dicionário de Narratologia* (Coimbra 1991), s.u. ‘personagem, discurso da’.

à maneira de uma cena teatral¹⁵. Com isto, o narrador afasta-se para dar primazia à voz da sua personagem, transferindo para esta o ónus da caracterização, e aparentemente exime-se de qualquer responsabilidade perante o que é dito. As palavras são da personagem e tornam-na responsável pela sua própria caracterização.

Esta técnica é utilizada por Suetónio em todas as biografias, mas assume na *Vida de Calígula* um lugar de destaque, na medida em que reforça apenas o lado negativo do carácter do imperador. Nas outras biografias, Suetónio dá testemunho de afirmações que ora denigrem, ora abonam a favor dos Césares em questão, pelo que existe sempre a possibilidade de observar nestes um lado mais humanizado e clemente. É o que acontece, por exemplo, na *Vida de Nero*, quando a este imperador tão malvisto é atribuído o desejo de não saber escrever à hora de assinar condenações à morte¹⁶.

No caso de Calígula, todas as afirmações que Suetónio atribui ao imperador apontam, sem excepção, para o seu comportamento perverso. Não há qualquer declaração de Calígula que o redima ou que, pelo menos, lance a dúvida, na mente do leitor, sobre se o retrato elaborado pelo biógrafo é verosímil. Todas as palavras do imperador revelam a sua *impietas* e, conseqüentemente, um homem cruel, despótico, megalómano e desatinado, confirmando-se, passo a passo, a descrição de Suetónio. Esta biografia surge, assim, como o expoente máximo da caracterização negativa quando veiculada através das vozes das personagens, uma vez que todas as frases atribuídas ao imperador visam um único objectivo: ilustrar a sua megalomania e prepotência nos campos religioso, social e familiar.

A primeira afirmação que Suetónio coloca na boca do imperador surge numa rubrica cujo início revela bem a opinião pessoal do biógrafo acerca deste imperador:

*Hactenus quasi de principe, reliqua ut de monstro narranda sunt.*¹⁷

Até aqui revelámos, por assim dizer, o príncipe; de seguida o que resta dará a conhecer o monstro.

¹⁵ Cunha, Celso; Cintra, Lindley, *Nova gramática do Português contemporâneo* (Lisboa 1991) 631.

¹⁶ *Quam uellem, inquit, nescire litteras* (Nero 10.2).

¹⁷ *Cal.* 22.1.

Logo após esta afirmação, o biógrafo põe em relevo as tendências de divinização em vida de Calígula, que desejava igualar-se aos deuses do Olimpo. Ora, este propósito era reprovado pela sociedade romana, que se indignava perante qualquer mortal que, em vida, ousasse ultrapassar a condição humana, considerando-se digno de adoração¹⁸.

Calígula, contudo, indiferente ao sentimento social, pugna pela sua pretensão. Assim, coloca-se, com frequência, entre as estátuas de Castor e Pólux, para com eles ser reverenciado¹⁹; exhibe-se amiudadas vezes com insígnias dos deuses, nomeadamente de Júpiter, Neptuno, Mercúrio ou Vénus²⁰; e faz construir um templo onde uma estátua sua era objecto de um culto constante²¹. Para além disto, assume uma conduta ofensiva para com os deuses, entre os quais Júpiter, ao fazer decapitar valiosas estátuas divinas, que fizera trasladar para Roma, com o intuito de nelas colocar a sua própria cabeça²².

Estas acções são acompanhadas de afirmações que comprovam o comportamento repreensível do imperador. Assim, a primeira frase pronunciada por Calígula demonstra que o imperador se considerava superior a todos. Perante vários reis que discutem a nobreza das suas linhagens, Calígula defende a sua superioridade, repetindo as palavras de Ulisses, na *Ilíada*²³:

*Εἰς κοίρανος ἔστω, / εἰς βασιλεύς.*²⁴

Um só seja o soberano, um só o rei.

É sabido que, em Roma, o sistema monárquico era profundamente temido, por associação com a tirania despótica dos antigos reis, pelo que tal afirmação só tem uma leitura, e negativa: Calígula defendia um sistema governativo despótico, baseado no poder total de um único homem, ele próprio, que estaria acima de todos, tal e qual como os deuses.

O retrato religioso de Calígula é ainda reforçado com uma outra declaração do imperador, que neste caso recorre a uma citação literária²⁵:

¹⁸ Lendon, J. E., *Empire of honour* (Oxford 1997) 169; Barrett, A. A., *Caligula — The corruption of power* (London 1989), 140-141; Charlesworth, M. P., *The Roman Empire* (Westport 1987) 10, 95.

¹⁹ *Cal.* 22.2.

²⁰ *Cal.* 52.

²¹ *Cal.* 22.3.

²² *Cal.* 22.2.

²³ *Hom., Il.* 2.204.

²⁴ *Cal.* 22. 1.

Ἦ μ' ἀνάειπ' ἢ ἐγὼ σέ.²⁶

Ou me agarra tu a mim, ou eu a ti.

Aparentemente inócua, uma vez que relembra o desafio lançado por Ájax a Ulisses, na Ilíada, esta frase do imperador revela-se bastante ofensiva quando percebemos que o seu interlocutor é Júpiter. De facto, ousar desafiar o deus dos deuses, colocando-se em pé de igualdade com ele, é ultrajante, não apenas porque se afronta uma entidade que, no tempo, seria merecedora de todo o respeito e devoção, mas também porque, ao proceder desta forma, Calígula eleva as suas tentativas de divinização a um nível absolutamente inaceitável: compara o seu poder ao poder do deus dos deuses, demonstrando, assim, ao leitor, que a sua megalomania não conhecia limites.

As afrontas de Calígula estendem-se também ao domínio familiar, onde revela uma conduta aviltante: insinua uma relação incestuosa entre Augusto e sua filha Júlia²⁷; insulta sua bisavó Lívia²⁸; assume relações incestuosas com suas irmãs, desterrando depois algumas delas e ameaçando-as repetidas vezes com a morte²⁹; poupa Cláudio, o futuro imperador, apenas para ter um objecto de chacota³⁰; afirma o desejo de torturar Cesónia, sua esposa, apenas para descobrir por que a ama tanto³¹; e, a nível sexual, deixa-se arrastar pela paixão, sem se preocupar com as regras instituídas, o que o leva a desonrar abertamente mulheres casadas³². A esta conduta ultrajante juntam-se ainda tendências homicidas: segundo Suetônio, Calígula impeliu seu sogro ao suicídio³³, mandou assassinar seu irmão Tibério³⁴ e seu primo Ptolomeu, que considerava demasiado belo³⁵ e poderá ainda ter estado envolvido na morte de seu tio-avô, o imperador Tibério³⁶, e na de sua avó Antónia³⁷.

²⁵ Hom., *Il.* 23.724.

²⁶ *Cal.* 22. 4.

²⁷ *Cal.* 23.1.

²⁸ *Cal.* 23.2.

²⁹ *Cal.* 24.1, 24.3, 29.1, 36.1.

³⁰ *Cal.* 23.3.

³¹ *Cal.* 33.

³² *Cal.* 12.2, 25.1-2, 36.

³³ *Cal.* 23.

³⁴ *Cal.* 23.3,29.1.

³⁵ *Cal.* 26.1, 35.1.

³⁶ *Cal.* 12.2-3.

Uma frase do imperador ilustra na perfeição o sentimento de domínio sobre os seus e de impunidade perante as suas acções e comprova, perante o leitor, a verosimilhança da caracterização suetoniana. Ao ouvir um reparo de sua avó Antónia, Calígula responde-lhe:

*Memento (...) omnia mihi et in omnis licere.*³⁸

Lembra-te de que tudo me é permitido e contra todos.

Pouco depois, outra frase reforça este sentimento de total domínio dos seus. Perante a precaução de seu irmão, que tomava antídotos contra possíveis envenenamentos, Calígula indigna-se, dizendo:

*Antidotum (...) aduersus Caesarem?*³⁹

Tomou um antídoto contra César?

Demonstra, assim, a sua indignação perante tentativas de limitar a sua capacidade de acção: tudo lhe era permitido, tudo era possível e a ninguém era consentido opor-se-lhe.

Esta desfaçatez está bem patente numa ordem que dirige a um recém-casado, a quem arrebatou a noiva, sem preocupações com o adultério que provocava:

*Noli uxorem meam premere.*⁴⁰

Não importunes a minha mulher.

Como tantas outras, esta mulher vergou-se ao capricho do imperador, que chegava a confrontar sua esposa Cesónia e suas amantes com desejos mórbidos:

*Tam bona ceruix simul ac iussero demetur.*⁴¹

Assim que eu quiser, tão linda cabeça é ceifada.

Este humor negro surge em outras ocasiões e também os membros da sociedade que gravitavam à volta do imperador. Incomodado com o alvoroço provocado por um *eques* durante um espectáculo, Calígula decide enviá-lo a

³⁷ *Cal.* 23.2.

³⁸ *Cal.* 29.1.

³⁹ *Cal.* 29.1.

⁴⁰ *Cal.* 25.1.

⁴¹ *Cal.* 33.

Óstia, a Ptolomeu, rei da Mauritània, com um mensagem que ordenava o seguinte:

*Ei quem istoc misi, neque boni quicquam neque mali feceris.*⁴²

Não faças nada de bem ou de mal a este que enviei para aí.

Para além da humilhação de ser reduzido à condição de mero laçao, o *eques* deve ter-se sentido bastante inseguro, pois, conhecendo a conduta caprichosa de Calígula, a sua vida poderia depender da missiva que transportava⁴³. O sobressalto deve ter sido grande e é precisamente este efeito de instabilidade e inquietação que Calígula procura.

Numa outra ocasião, a situação repete-se, desta vez quando o imperador, ao soltar uma gargalhada que leva dois cónsules a perguntar-lhe de que se ri, replica:

*Quid (...) nisi uno meo nutu iugulari utrumque uestrum statim posse?*⁴⁴

De que seria, se não de que qualquer um de vós podia ser imediatamente degolado a um único sinal meu?

Perante este humor doentio, compreende-se que qualquer capricho do imperador fizesse tremer os seus súbditos. É o que acontece, segundo Suetônio, com três ex-cónsules quando são chamados, de madrugada, ao palácio de Calígula que, afinal, apenas pretenderia público para uma das suas actuações⁴⁵. Nem todos os caprichos do *princeps*, contudo, são tão inócuos, e dois cónsules em exercício são destituídos do seu cargo apenas por se esquecerem de publicar um edicto que comemorava o seu aniversário⁴⁶.

Esta atmosfera de instabilidade e medo, tal como a desfaçatez e megalomania que Calígula revela na esfera privada das relações familiares e da crença religiosa, bastaria para que o seu retrato fosse de pendor marcadamente negativo. No entanto, a caracterização agrava-se quando Suetônio aprofunda a análise do comportamento de Calígula na esfera pública, pondo a nu todo o seu desatino e crueldade.

⁴² *Cal.* 55.1.

⁴³ Wardle, D., *Suetonius' Life of Caligula* (Bruxelles 1994) 348-349.

⁴⁴ *Cal.* 32.3.

⁴⁵ *Cal.* 54.2.

⁴⁶ *Cal.* 26.3.

Pródigo em informações, Suetónio testemunha diversas vezes acusações e ameaças com que Calígula mimoseava os senadores⁴⁷. Alguns acabam mesmo por perecer por ordem do imperador⁴⁸, que chega a projectar a morte de muitos mais⁴⁹. Para além disto, os elementos desta ordem eram ainda humilhados pelo *princeps*, que, enquanto comia, os obrigava a permanecer de pé munidos de um guardanapo, à maneira dos escravos⁵⁰.

Suetónio coloca na boca de Calígula palavras que comprovam taxativamente a sua antipatia pelo Senado. Assim, numa ocasião em que alguns senadores solicitavam o regresso do imperador a Roma, ele ameaça destruí-los quando, segurando o seu gládio, vocifera:

*Veniam, (...) ueniam, et hic mecum.*⁵¹

Voltarei, voltarei, e este voltará comigo.

O exército também não escapa aos caprichos do imperador que, para além de ansiar pela sua derrota⁵² e de afastar ignominiosamente do serviço alguns militares de carreira, apenas por já não terem toda a sua pujança física⁵³, pensa mesmo em eliminar algumas legiões⁵⁴. Numa ocasião, decide mesmo obrigar os soldados a recolher conchas, como se de espólio de guerra se tratasse e, depois de lhes prometer uma humilhante (porque exígua) recompensa de cem denários, recomenda:

*Abite, (...) laeti, abite locupletes.*⁵⁵

Parti alegres, parti abastados.

De notar que Suetónio comenta com sarcasmo esta frase, enfatizando a avaréza do imperador ao comentar a sua suposta generosidade⁵⁶, e assim induz o leitor a concluir que a recomendação de Calígula indiciava o seu desatino e desrespeito para com os seus súbditos.

⁴⁷ *Cal.* 30.2, 45.3, 48.2.

⁴⁸ *Cal.* 26.2, 28.

⁴⁹ *Cal.* 49.2.

⁵⁰ *Cal.* 26.2. Vd. *Suetonius' Life of Caligula*: 240.

⁵¹ *Cal.* 49.1.

⁵² *Cal.* 31.

⁵³ *Cal.* 44.1.

⁵⁴ *Cal.* 48.1.

⁵⁵ *Cal.* 46.

⁵⁶ *...quasi omne exemplum liberalitatis supergressus (Cal. 46).*

Para além destas informações, o biógrafo introduz muitas outras que cimentam este retrato negativo e revelam ainda uma ferocidade sem limites. Suetónio revela, por exemplo, que Calígula envia réus para a morte na arena sem consultar os seus casos⁵⁷ ou força progenitores a assistir à execução dos filhos⁵⁸. Para além disto, castiga ainda cidadãos honrados de várias formas: fá-los marcar com ferros, condena-os a trabalhos forçados, à prisão em jaulas exíguas ou a combates com feras, e chega até a mandar serrá-los ao meio⁵⁹. Flagelações, amputações, linchamentos e imolações pelo fogo são também regra⁶⁰ para um imperador que apreciava observar sessões de tortura e morte enquanto comia⁶¹ e exibia supliciados aos seus convidados⁶². Nem sempre as razões apresentadas são válidas: bastava uma censura, a produção de um verso de duplo sentido ou a exibição de encantos físicos para que surgisse uma condenação deste tipo⁶³.

Alguns *equites* são também hostilizados pelo entusiasmo com que assistem a espectáculos e jogos⁶⁴ e alguns são condenados à morte na arena⁶⁵ ou presos apenas para que o imperador possa proceder ao arresto dos seus bens⁶⁶. Calígula divertia-se ainda a provocar tumultos entre a plebe e a ordem equestre, tumultos de que resultam várias dezenas de vítimas mortais⁶⁷, e não se exime de provocar a fome ao mandar encerrar os celeiros públicos⁶⁸. Tal situação, aliás, deve ter sido para ele ocasião de júbilo, uma vez que se queixava da escassez de catástrofes durante o seu principado⁶⁹.

As declarações do imperador, que consubstanciam o seu carácter profundamente opressor e comprovam a veracidade das informações de Suetónio, estão todas concentradas numa única rubrica, a trigésima, que é precisamente a

⁵⁷ *Cal.* 27.1.

⁵⁸ *Cal.* 27.4.

⁵⁹ *Cal.* 27.3.

⁶⁰ *Cal.* 27.4, 28, 32, 33.

⁶¹ *Cal.* 32.1.

⁶² *Cal.* 32.2.

⁶³ *Cal.* 27.3-4, 35.1-2.

⁶⁴ *Cal.* 30.2

⁶⁵ *Cal.* 27.4

⁶⁶ *Cal.* 41.2.

⁶⁷ *Cal.* 26.4.

⁶⁸ *Cal.* 26.5.

⁶⁹ *Cal.* 31.

rubrica central desta *Vida*. Funciona, por isso, como o clímax da caracterização negativa de Calígula.

Suetónio inicia esta rubrica com uma frase bem demonstrativa de todo o sadismo que o rodeava e da crueldade do imperador para com todos os condenados à morte. Durante as execuções, ele recomendava aos verdugos:

*Ita feri ut se mori sentiat.*⁷⁰

Fere-o de tal modo que se sinta a morrer.

A crueldade imperial não se fica por aqui, nem atinge apenas os justicados. Pouco depois, o biógrafo revela que o *princeps* terá mesmo desejado eliminar todo o povo, demonstrando claramente que se arrogava o direito de actuar como lhe apetecesse:

*Vtinam p(opulus) R(omanus) unam ceruicem haberet!*⁷¹

Oxalá o povo Romano tivesse uma só cabeça!

Entre estas duas afirmações, há uma outra que, por se situar precisamente no meio, assume um papel especial, surgindo como a frase mais emblemática desta *Vida*. Trata-se de uma citação literária, retirada de uma tragédia de Ácio⁷², que Calígula repetia frequentemente e através da qual revela, sem qualquer escrúpulo, a pouca importância que dá aos sentimentos dos seus súbditos:

*Oderint, dum metuant.*⁷³

Que me odeiem, contanto que me temam.

Nesta frase sintetiza-se toda a caracterização elaborada por Suetónio e o imperador resume toda a *impietas* que o caracteriza. Ciente do seu poder e crente no seu estatuto divino, nada demove Calígula, que em nenhum momento sente necessidade da aprovação ou da estima dos seus. Assim, ao invés de pugnar pelo apreço dos seus súbditos, o imperador não se incomoda em despertar ódios. Prefere instilar medo, porque este cerceia a vontade e impede a revolta contra o poder instituído. Através do medo, o imperador, intocável, mantém e reforça o seu poder, mantendo-se impune.

⁷⁰ *Cal.* 30.1.

⁷¹ *Cal.* 30.2.

⁷² *Atreus*, 203.

⁷³ *Cal.* 30.1.

Aparentemente, assim seria, mas não é o que se verifica. Suetônio não permite que o leitor se conforme com a conduta do imperador e conclua que o poder arrasta impunidade, preferindo demonstrar claramente que o crime não vence. De facto, os delitos de Calígula atraem consequências nefastas e um castigo merecido: a morte.

Mais ainda: o biógrafo demonstra que todas as áreas em que o *princeps* evidenciou a sua *impietas*, comprovada através do seu próprio discurso, são vingadas. Calígula morre, apunhalado, e a divindade, a família e a sociedade concorrem para o seu fim funesto.

A nível religioso, destacamos três presságios que demonstram o desagrado com que Júpiter brinda a conduta do imperador: pouco antes da morte deste, ouve-se uma gargalhada que terá tido origem numa estátua do deus dos deuses; um indivíduo de nome Cássio (o nome de um dos assassinos do imperador) informa que, em sonhos, recebeu a ordem de imolar um touro em honra de Júpiter; Calígula sonha que, encontrando-se junto do deus dos deuses, é rejeitado por ele⁷⁴. Acresce a isto que, ironicamente, a senha com que Calígula se identifica perante os seus algozes é *Iouem*⁷⁵. Perante todas estas informações, o leitor conclui apenas uma coisa: face aos crimes de Calígula, Júpiter decide castigá-lo e retira-lhe a protecção divina. Na prática, sanciona, assim, a pena que o imperador vem a sofrer.

Os assassinos, por seu turno, são bem representativos da sociedade que Calígula coactou: libertos do imperador, militares, simples cidadãos odeiam o *princeps*, mas não o temem e mostram-se decididos a pôr fim aos seus desmandos⁷⁶. Um deles, Cássio Quérea, sofria mesmo ataques de natureza sexual por parte do imperador, que dava azo às suas tendências libidinosas sempre que o cumprimentava: dava-lhe a beijar a sua mão enquanto fazia gestos obscenos, escolhia senhas com conotação sexual, como ‘Priapo’ ou ‘Vénus’ para se identificar perante ele e insultava-o, considerando-o *mollis* e *effeminatus*⁷⁷. Calígula utilizaria gestos obscenos se configurasse a sua mão de forma a assemelhar-se a um pénis ou a uma vagina (precisamente o sentido que assumem as senhas que utiliza). Ao fazê-lo no momento em que Cássio Quérea

⁷⁴ *Cal.* 57.1-3.

⁷⁵ *Cal.* 58.2.

⁷⁶ *Cal.* 56.

⁷⁷ *Cal.* 56.2.

deveria beijá-la, estaria assim a forçá-lo a simular uma cena de sexo oral, acto que, praticado por um *uir* romano, era considerado especialmente degradante, por o colocar numa situação de inferioridade em relação ao parceiro sexual⁷⁸. A tudo isto acresce ainda que sempre que a *mollitia*, qualidade atribuída ao sexo feminino, era imputada a um cidadão, implicava que este não mantivera intacta a sua *uirtus* e que possuía características femininas (como a passividade sexual), o que o tornava *effeminatus*⁷⁹. Perante isto, o comportamento de Calígula revela-se altamente ofensivo e, a ser público, como é de supor, denegriria violentamente a imagem de Cássio Quêrea. Compreende-se, por isso, que este demandasse vingança.

Deuses e concidadãos abandonam o *princeps*. E, à hora da morte, nem a família lhe vale. Desterradas as irmãs, eliminada grande parte dos seus familiares, resta a Calígula sua esposa, sua filha e seu tio Cláudio. Este último, atemorizado, prefere esconder-se a socorrer o sobrinho, deixando-o entregue à sua sorte⁸⁰. Já Cesônia e Júlia, respectivamente esposa e filha do imperador, são mortas, não permitindo sequer que reste a Calígula o consolo de deixar descendência.

Morto pelos seus súbditos, rejeitado pelos deuses e sem parentes que o socorram, Calígula vê-se castigado pela sua *impietas* para com o Estado, a divindade e a família. Nem a morte elimina de vez as sanções, uma vez que, para além do seu desaparecimento físico, o Senado propõe ainda o desaparecimento da sua memória, através de um processo de *damnatio memoriae*⁸¹.

Trinta são as punhaladas que atingem o imperador. E sabemos, por Suetónio, que a morte não foi imediata. Ironicamente, Calígula acaba por se

⁷⁸ Sabemos que, para se manter íntegro, um *uir* deveria assumir sempre a posição de domínio durante o acto sexual, uma vez que o papel passivo estava reservado a mulheres, escravos e não cidadãos, considerados seres inferiores. Vide Williams, C. A., *Roman Homosexuality* (New York 1999) 162, 197-198; Eslava Galán, J., *La vida amorosa en Roma* (Madrid 1996) 25-26; Adams, J. N., *The latin sexual vocabulary* (London 1987) 126-127.

⁷⁹ “*Virtus* is the ideal of masculine behavior that all men ought to embody, that some women have the good fortune of attaining, and that men derided as effeminate conspicuously fail to achieve.” — *Roman Homosexuality*: 127. Vide também Cantarella, E., *Bisexuality in the Ancient World* (New Haven and London 1992) 158; Baldwin (1995), Baldwin, B., *The sexual tastes of Remmius Palaemon*, *Hermes* 123 (1995) 381.

⁸⁰ *Cl.* 10.1.

⁸¹ *Cal.* 60.

ver na mesma situação em que colocou os condenados que mandava matar lentamente. Nunca como aqui a sua recomendação deve ter ecoado tanto na sua mente:

*Ita feri ut se mori sentiat...*⁸²

Bibliografia

- Adams, J. N., *The latin sexual vocabulary*, London, Duckworth, 1987.
- Baldwin, B., “The sexual tastes of Remmius Palaemon”: *Hermes* 123 (1995) 380-382.
- Barrett, A. A., *Caligula – The corruption of power*, London, B. T. Batsford Ltd., 1989.
- Cantarella, E., *Bisexuality in the Ancient World*, New Haven and London, Yale Univ. Press, 1992.
- Charlesworth, M. P., *The Roman Empire*, Westport, Greenwood Press, Publishers, 1987.
- Cunha, Celso; Cintra, Lindley, *Nova gramática do Português contemporâneo*. 8ª ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1991.
- Eslava Galán, J., *La vida amorosa en Roma*, Madrid, Ediciones Temas de Hoy, 1996.
- Hellegouarc’h, J., *Le vocabulaire latin des relations et des partis politiques sous la République*, Paris, Les Belles Lettres, 1972.
- Lendon, J. E., *Empire of honour*, Oxford, Clarendon Press, 1997.
- Pereira, M. H. R., *Estudos de História da Cultura Clássica*, II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.
- Reis, Carlos, *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Almedina, 1991.
- Saller, R., “Corporal punishment, authority, and obedience in the Roman household”: Rawson, B. (ed.), *Marriage, divorce and Children in Ancient Rome*, Oxford, Clarendon Press, 1996, 144-165.
- Wardle, D., *Suetonius’ Life of Caligula*, Bruxelles, Latomus, 1994.
- Williams, C. A., *Roman Homosexuality*, New York, Oxford University Press, 1999.

⁸² *Cal.* 30.1.

* * * * *

Abstract: In the *Lives of the Caesars*, Suetonius relies on several strategies to characterize the first rulers of the Roman Empire. We will focus specifically on one of them — the use of the characters' voice — in order to show how such a technique is used in Caligula's biography to emphasize the emperor's crimes and to induce to reader into sanctioning his murder.

Keywords: Suetonius; Caligula; direct speech; voice; Caligula's quotations; despotism.

Resumen: En las biografías de los Césares, Suetonio utiliza varias técnicas de caracterización de los primeros gobernantes del Imperio Romano. Tejeremos una reflexión sobre una de ellas — el recurso a la voz de los personajes — para demostrar cómo se utiliza, en la biografía de Calígula, para acentuar los crímenes del emperador y convencer al lector a aprobar su asesinato.

Palabras clave: Suetonio; Calígula; discurso directo; voz; citas de Calígula; prepotencia.

Résumé: Dans les biographies des Césars, Suétone utilise plusieurs techniques de caractérisation des premiers gouvernants de l'Empire Romain. Nous nous intéresserons à l'une d'entre elles — au recours à la voix des personnages — pour démontrer comment elle est utilisée, dans la biographie de Caligula, pour emphatiser les crimes de l'empereur et conduire le lecteur à sanctionner son assassinat.

Mots-clé: Suétone; Caligula; discours direct; voix; citations de Caligula; abus de pouvoir.

Resumo: Nas biografias dos Césares, Suetônio utiliza várias técnicas de caracterização dos primeiros governantes do Império Romano. Debruçar-nos-emos sobre uma delas — o recurso à voz das personagens — para demonstrar como ela é utilizada, na biografia de Calígula, para enfatizar os crimes do imperador e induzir o leitor a sancionar o seu assassinato.

Palavras-chave: Suetônio; Calígula; discurso directo; voz; citações de Calígula; prepotência.